

Os índios não querem hidrelétricas em qualquer rio da Amazônia, segundo concluíram em Altamira. E Raoni ameaça declarar guerra a Sarney se houver insistência.

'Arynket, Kaiapó'. A luta ainda não acabou no Xingu.



A deputada Benedita: índios e negros

FAB nega avião a parlamentares. Mas alguns chegaram lá.

A programação de ontem foi toda mudada e os trabalhos da parte da manhã transcorreram no centro comunitário e não na "Betânia", como previsto. Uma comissão de 26 deputados pertencentes à "Frente Parlamentar do Índio" não pôde chegar a Altamira por falta de vagas nos vãos comerciais. A FAB negou-se a ceder um avião para a viagem. Somente chegaram a deputada Benedita da Silva, do PT carioca, Fábio Feldman (PSDB-SP), Haroldo Lima, Nelson Friedrich, Otávio Elisio e Tadeu França, e o deputado estadual do PT, Valdir Ganzer.

Os parlamentares explicaram que, se fosse neste momento a votação sobre o projeto de construção da hidrelétrica de Belo Monte, ele passaria, pois, segundo dizem, a maioria dos deputados e senadores não está devidamente esclarecida sobre a questão.

Eles dizem que a Eletro-norte ainda não forneceu esclarecimentos ao Congresso e por isso, os membros da Frente Pró-Índio vai dar início a uma campanha junto a seus pares e junto à opinião pública, para exigir que a Eletro-norte se explique. Mas a tendência dos "partidos populares" é pelo cancelamento da obra de Belo Monte, conforme o desejo dos índios do Xingu, que querem, ao menos, garantias reais e concretas de que as usinas neste rio do interior paraense não trarão os mesmos desastres verificados em Tucuruí e Balbina.

Os deputados fizeram discursos de solidariedade à causa dos Kaiapó e se posicionaram em favor da revisão global da política energética brasileira. Houve troca de presentes entre índios e políticos. A deputada Benedita da Silva disse que "o índio e o negro começaram a fazer o progresso do Brasil antes do branco e hoje são tratados como estrangeiros". Para ela, "há dois tipos de interesse internacional sobre a Amazônia: um do capital, histó-

rico e que quer prosseguir explorando as nossas riquezas, e outro, das forças que querem realmente ajudar o país e, neste caso, nós procuramos o apoio internacional".

O encontro não pôe fim à luta dos índios e à intenção de impedir a barragem. A festa do milho, no final da reunião, a visita ao local e a discussão produziram frutos.

Texto: Manoel Dutra

Com estas palavras o "embaixador" dos índios do Xingu junto à sociedade branca, Bep-Kororoti Paiaká, deu por encerrados ontem, os trabalhos do primeiro encontro dos índios, em Altamira. A jornada começou no dia 20 e o encerramento aconteceu com a fesa do "Baridjumoko", no final da tarde, quando os índios celebraram a abundância, materializada no milho. O dia todo foi festivo.

Logo às 8 horas os Kaiapó foram entrando no Centro Comunitário Municipal apresentando o "Itceapro", do qual só os homens participam, enquanto algo parecido a um cantochão, movimentando de um lado a outro os pesados "koups", grossas hastes de madeira de lei. Assim foram chegando em grupos, por aldeias, na mais impressionante ordem, no que os "civilizados" tiveram bastante a aprender.

Dentro do ginásio coberto protagonizaram um dos momentos da mais solene coreografia vista nestes dias em Altamira. Era a cerimônia chamada de "Abenpodi", com cantos, dança, expressão corporal variada e muita alegria com a qual os índios festejavam um momento especial do encontro de todos eles, em véspera de partida. Depois houve várias demonstrações espontâneas do "Memori", que era o choro de alegria de alguns índios e índias recebendo filhos e outros parentes que acabavam de chegar para o encerramento do encontro.

Segundo explicaram chefes tribais, para os índios, a maioria deles desabituada a contatos desse tipo até com os próprios "parentes", a reunião que ter-

minou ontem, em Altamira, foi somente um passo na luta que travam pelo reconhecimento de seus direitos, na busca de maior respeito por parte da sociedade toda. "Por isso nós não sabemos como se diz "adeus", como vocês, brancos. Nós dizemos "arynket", que significa uma separação momentânea, "logo logo a gente volta a se encontrar", explicou Tuto Pombo, cacique do Baixo Xingu.

Guerra

Altamira (AG) — O cacique Raoni, da aldeia Txucarramãe, disse ontem,

que faz guerra contra Sarney se a hidrelétrica de Kararaô for construída. Irritado com a insistência do homem branco em cobrir terras indígenas com água represada pela barragem de Altamira, Raoni alertou para os riscos que se corre quando o índio é provocado.

— É muito perigoso homem branco mexer com meu povo. Eu junto todo o meu povo e vou contra o branco em pé para briga. Se o chefe do branco, que se chama Sarney, continuar com plano para barragem, eu vou fazer guerra contra ele — disse Raoni na língua Kaiapó, tendo o cacique Paiaká como

tradutor.

O líder Txucarramãe disse que não estava lutando sozinho contra a hidrelétrica de Kararaô. Ele está acompanhado de todos os seus irmãos que não querem ver sua cultura destruída com inundações na Amazônia. Raoni afirmou que seu povo já entregou ao branco o Rio de Janeiro, e agora não quer ceder ainda mais o seu espaço no meio da floresta.

Raoni e Paiaká foram os grandes líderes do encontro de Altamira. Enquanto Paiaká mantinha a organização da manifestação, Raoni se misturava entre os demais caciques de várias nações indígenas e discutia suas afinidades em longos sussurros.

"Decidimos que não queremos barragens"

Ao contrário do que habitualmente fazem os brancos, os índios reunidos em Altamira para o primeiro encontro deles, foram sucintos ao redigir a nota oficial de encerramento. E o seguinte o teor da "Declaração Indígena de Altamira", 24 de fevereiro de 1989.

"As nações indígenas do Xingu, junto com parentes de muitas regiões do Brasil e do mundo, afirmam que é preciso respeitar a mãe natureza. Aconselhamos não destruir as florestas, os rios, que são nossos irmãos. Decidimos que não queremos a construção de barragens no rio Xingu nem em outros rios da Amazônia, pois ameaçam as nações indígenas e os ribeirinhos.

Durante muito tempo o homem branco agrediu nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos. Agora deve parar. Nossos territórios são o sítio sagrado do nosso povo, morada do nosso criador que não podem ser violados. Neste encontro dos povos indígenas do Xingu, decidimos vigiar as ações do governo para impedir mais destruição, juntar forças com o Congresso Nacional e com o povo brasileiro para, juntos, protegermos essa importante região do mundo, nossos territórios".



Os alunos do Arapitanga: chega de matança e invasão

Crianças fazem passeio de solidariedade em Belém

"Chega de matança, chega de invasão. O índio brasileiro tem direito ao chão". Este foi o grito que os moradores do bairro do Telégrafo ouviram, durante a manhã de ontem, dos alunos do Centro Educacional Arapitanga. As crianças saíram em passeata até a Praça Brasil, apoiando os índios reunidos em Altamira, no I Encontro das Nações Indígenas do Xingu. Eles não querem que a hidrelétrica de Belo Monte — ex-Kararaô — seja construída e resolveram colocar seu protesto na rua.

O Centro Arapitanga atende alunos desde o maternal até a 4ª série do 1º grau e tem cem alunos. A metodologia de ensino desenvolvida pela escola abrange os problemas atuais, que são discutidos com os alunos. Assim surgiu a idéia de apoiar o encontro de Altamira e a realização da passeata. Segundo Cléa Galvão, diretora do estabelecimento, os alunos prepararam a manifestação durante toda a semana. "As crianças fizeram cartazes e faixas com várias frases denunciando a devastação da natureza e a falta de humanidade para com os índios", disse ela. Além disso, as crian-

ças ainda enviaram para Altamira muitas cartas e telegramas para os participantes do encontro, manifestando seu apoio. O presidente José Sarney não foi esquecido e os alunos do Arapitanga também escreveram para ele, pedindo que defenda os indígenas.

Na passeata, várias crianças usavam faixas pretas, denunciando luto pela devastação da floresta amazônica. A garotada, durante o itinerário, distribuiu panfletos que justificavam seu gesto e conseguiu parar o trânsito na avenida Senador Lemos. A passeata saiu às 9h30 e, ao chegar à Praça Brasil, os alunos assistiram a uma peça encenada pelos colegas — onde foi enfocada a questão do desmatamento — e desenvolveram atividades de pintura sobre o tema. Pedro Abe, aluno da 2ª série, estava adoentado e telefonou para o colégio preocupado porque não poderia participar da passeata. Depois de medicado, entretanto, Pedro era um dos mais ativos, gritando palavras de ordem em defesa dos índios. Depois de "cumprida a missão", a garizada, orgulhosa, voltou ao Arapitanga.

Muniz não foi ameaçado. Nem Paiaká.

A respeito da nota publicada pela Eletro-norte na qual afirma que seus diretores não mais participarão de reuniões como a de Altamira sem receber "garantias de vida", as lideranças dos índios explicaram, mais uma vez, ontem que "não foi qualquer ameaça". Trata-se do caso da índia Tu-ira que encostou o facho no rosto do diretor José Antônio Muniz Lopes, na terça-feira, em pleno salão de reuniões. Quem deu a explicação foi o chefe Paiaká, dizendo que aquilo foi uma maneira própria dos Kaiapó de mostrar às pessoas que "nunca mais devem esquecer os compromissos assumidos".

"Ninguém queria ferir o Antônio Muniz, foi só uma lição na Eletro-norte que não ouviu os índios quando fez Tucuruí e outras usinas". Para o advogado dos índios, Paraguassu Eleres, "com essa nota, a Eletro-norte quer passar de vítima e está tentando explorar o episódio a seu favor". Segundo ele, os índios não são violentos fora de ambiente natural. No dia da cena com a índia Tu-ira, o próprio Antônio Muniz declarou: "Se eu dissesse que não tive medo estaria mentindo", adiantando que "eu já conheço os costumes indígenas, já estive com eles várias vezes desde 1979".

Agradecimentos

Antes de encerrar os trabalhos do Primeiro Encontro das Nações Indígenas do Xingu, a comissão responsável, na palavra de Paiaká, fez uma série de agradecimentos a todos que contribuíram para o êxito da promoção. Aos 170 jornalistas presentes, aos "parentes" das outras 37 tribos representadas, a antropólogos, grupos de brancos indigenistas e defensores da Amazônia, à prelazia do Xingu que cedeu as instalações do sítio "Betânia" para acampar os participantes, à Sopren, ao Conselho Indigenista Missionário, lembrando que esse órgão ajudou a causa indígena na Constituinte.

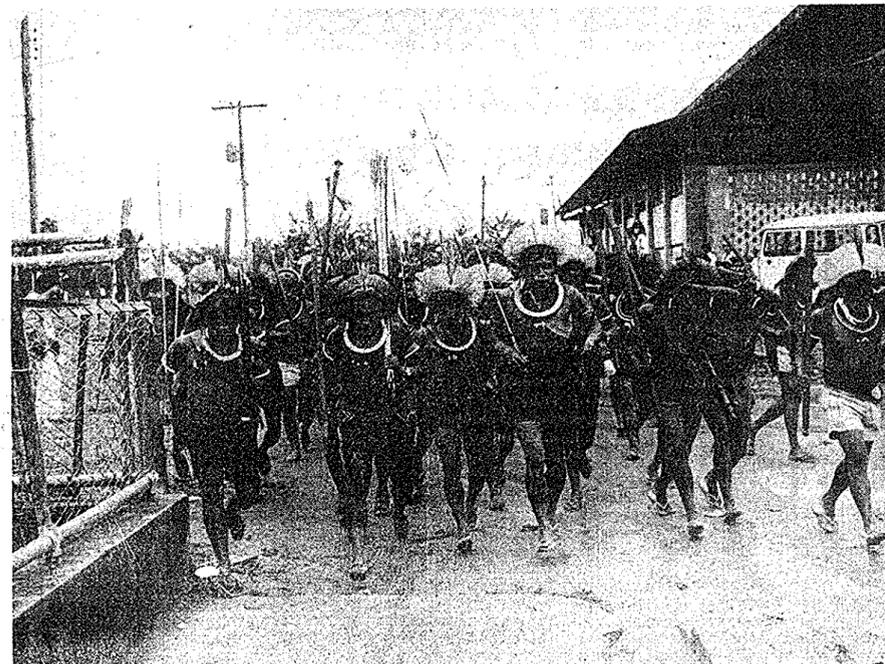
O chefe agradeceu também ao prefeito de Altamira, Armino Bernardino, o apoio recebido, pela cessão do centro comunitário. "Mesmo tendo opinião contrária à nossa

quanto à construção da barragem, nós queremos agradecer à prefeitura o apoio". Especial agradecimento foi dirigido ao capitão PM Emanuel Lima, chefe do destacamento local da Polícia Militar "porque cumpriu com o seu dever, dando segurança aos índios e a todo o povo que aqui estava". Ao delegado de Polícia Civil, Carlos Araújo, e a todos os soldados da PM "que deram segurança a nós". E concluiu: "Vamos continuar nossa luta, vamos defender nosso país, vamos defender nosso futuro e o de nossos filhos".

Sem ameaças
 Pela voz de Marcos Terena, a União das Nações Indígenas (UNI)

desmentiu ontem, ao enviado de O LIBERAL, a existência de qualquer ameaça concreta de morte contra o líder da luta dos kaiapó, que é contrário à construção de usinas hidrelétricas no Xingu, Bep-Kororoti Paiaká. Durante quase toda a manhã circulavam, no centro comunitário de Altamira, insistentes boatos de que uma ameaça anônima contra ele tinha chegado ao conhecimento dos organizadores do encontro. Terena apenas confirmou que, desde a semana passada, está na cidade um delegado especial da Polícia Federal para, do modo mais discreto possível, dar proteção à Paiaká e todos os participantes da reunião. São

mais de 20 agentes federais. O representante da UNI, porém, não quis informar quando e como Paiaká deixará Altamira. Há a informação de que um grupo de índios prefere que ele vá diretamente para a aldeia para passar uns dias, mas Paiaká tem compromissos em Belém e quer viajar para lá. Durante todos os dias do encontro 15 soldados da PM protegeram a entrada do sítio "Betânia", onde estão hospedados os índios e também o centro comunitário foi guardado por muitos PMs. Paiaká evitou transitar pelas ruas de Altamira e, nos locais que frequentava sempre havia policiais militares e discretos agentes da PF.



Eles foram concisos na nota final: nada de barragens no Xingu ou em qualquer outro rio da região